

PAISAGEM EM “CONCERTINA” PARA UMA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

LANDSCAPE IN A CONCERTINA BOOK FOR HERITAGE EDUCATION

Mirela Carina Rêgo Duarte
Luisa Acioli dos Santos
Lahys Katarina de Barros Alves
Wilson de Barros Feitosa Júnior

RESUMO

Educar para a paisagem é uma das metas do Laboratório da Paisagem da UFPE, considerando que a consciência de paisagem permite um elo entre as ações de conservação do patrimônio cultural e a realidade cotidiana da vida das pessoas. Nesse sentido, o livro-concertina intitulado Pensar Paisagem foi desenvolvido como ferramenta lúdica de educação patrimonial para aproximar a paisagem do público geral. O presente artigo tem por objetivo apresentar a concertina, discutindo a paisagem como bem comum em uma perspectiva fenomenológica vinculada à experiência sensível. Para tanto, propõe uma interlocução entre o pensamento de Augustin Berque e Jean-Marc Besse e a vivência filosófica de Ailton Krenak. Conclui-se que o aspecto lúdico e criativo da concertina estimula a sensibilidade para o valor paisagístico, buscando motivar uma postura ética na conservação da paisagem como bem comum.

Palavras-chave: Paisagem. Patrimônio cultural. Educação patrimonial. Experiência.

ABSTRACT

Educating for the landscape is a goal of the Landscape Laboratory at the Federal University of Pernambuco in Brazil, based on the notion that landscape awareness creates a link between cultural heritage conservation and people's everyday lives. To this end, the concertina book entitled The Thinking Landscape was developed as a playful heritage education tool, bringing landscape awareness closer to the general public. This article presents the concertina book, which discusses the landscape as a common good through a phenomenological perspective connected to the experience of the senses. In this sense, it proposes a dialogue between the thoughts of Augustin Berque and Jean-Marc Besse and the philosophical experience of Ailton Krenak. The article concludes that the playful and creative aspect of the concertina book stimulates sensitivity to the value of the landscape and motivates an ethical approach towards the conservation of the landscape as a common good.

Keywords: Landscape. Cultural heritage. Heritage education. Experience.



1. DESDOBRANDO PAISAGEM

Quando nos questionamos o que é paisagem, deparamo-nos com o desafio de lidar com múltiplas possibilidades de apreensão possíveis. Uma delas é a sua assimilação como objeto imagético, que se dá de forma frequente pela maioria das pessoas. Assim, ao praticarmos o exercício de definir paisagem, provavelmente esbarraríamos em uma imagem de natureza ou cartão-postal, distante e isolada, capturada fotograficamente. Estaríamos, entretanto, deixando um pouco de lado a experiência do corpo como substancial à compreensão de paisagem, bem como esquecendo as paisagens do cotidiano para além das excepcionais.

Berjman (2001) coloca que o arquiteto argentino César Naselli menciona a teoria da paisagem atual como distribuída em duas vertentes: a primeira, uma imagem-paisagem sobre a qual técnicos e outros estudiosos atuam como campo e objeto de conhecimento e a segunda, como uma imagem-vivência, entendida como entorno existencial do habitante, de caráter permanente ou não, que acompanha o ato de habitar. Nessa perspectiva, considera-se necessário superar a compreensão de paisagem como panorama, em que o sujeito é tido como mero contemplador, e fomentar a visão de paisagem associada à natureza como condição de existência e um direito, como sugere a Carta da Paisagem das Américas (2018), instrumento orientador para a conservação, planejamento, desenho e gestão da paisagem no continente.

É a partir do cotidiano que a paisagem se apresenta de forma mais direta pois a entendemos como inter-relação sujeito-lugar, despertando para o sentimento de pertencimento. Nesse sentido, o Laboratório da Paisagem da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) tem desenvolvido há mais de uma década ações de educação patrimonial a fim de despertar a população para essa compreensão de paisagem, que vai além da abordagem enquanto imagem.

A cartilha intitulada Os jardins de Burle Marx no Recife, elaborada para estudantes do ensino fundamental, é um exemplo dessas ações e tem o propósito de estimular a sensibilidade para o valor paisagístico por meio do conhecimento dos jardins do paisagista Roberto Burle Marx na capital pernambucana. Esses jardins fazem

parte do cotidiano da população local, mas por vezes não são vistos como bem comum¹. A elaboração da cartilha se desdobrou na realização de outras atividades de educação patrimonial, que hoje ocorrem regularmente, voltadas para públicos diversos como estudantes, profissionais e técnicos gestores dos jardins e população em geral².

Essas ações de educação patrimonial se apresentam como momentos essenciais para propor a troca de saberes com as comunidades, reais detentoras do bem cultural, agindo na valorização e preservação do patrimônio. Segundo Florêncio (2012, p. 24-25), isso permite a criação de canais de interlocução da sociedade com os setores públicos responsáveis pelas políticas de salvaguarda, incorporando as necessidades e expectativas das comunidades envolvidas por meio de situações de aprendizagem construídas a partir das especificidades locais. Sendo assim, como continuação dessas ações educacionais no âmbito do Laboratório da Paisagem, se estabeleceu a concepção de um livro lúdico e criativo, apresentado neste artigo, para abordar o tema da paisagem junto à comunidade interessada.

O livro intitulado **Pensar Paisagem** tem formato de concertina, ou seja, dispõe de múltiplas dobras de papel nas quais se abrem diversas possibilidades de reflexão em torno da noção de paisagem a partir de temas-chave. Permite ao leitor desdobrar compreensões de paisagem, definir a sequência de leitura e inserir suas impressões, estimulando assim uma consciência de paisagem a partir de uma reflexão centrada na experiência de leitura e também de vida de cada um. O livro propõe, assim, que a noção de paisagem se constrói na relação entre as pessoas e os lugares de suas vivências, sendo vinculada à compreensão de mundo e à experiência cotidiana, individual e coletiva, construídas ao longo do tempo.

¹ Desde 2015, seis jardins públicos projetados no Recife por Roberto Burle Marx são reconhecidos como Patrimônio Cultural Brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN): Praça Euclides da Cunha, Praça de Casa Forte, Praça do Derby, Praça da República e Jardim do Campo das Princesas, Praça Salgado Filho e Praça Farias Neves.

² Trata-se da Semana Burle Marx, evento promovido anualmente pela Prefeitura do Recife em parceria com o Laboratório da Paisagem da UFPE, desde 2009, para desenvolver ações de educação patrimonial voltadas à preservação e à valorização dos jardins históricos do paisagista.

No livro *El pensamiento paisajero*, Berque (2009) faz a distinção entre os atos de pensar a paisagem e de pensar paisagem. Para o geógrafo, o primeiro trata da paisagem enquanto objeto de estudo da filosofia e da ciência a partir da palavra, ao passo que o segundo parte da compreensão da paisagem ligada ao ato de habitar. O autor ressalta o paradoxo existente nas culturas ocidentais que, ao buscar decifrar a paisagem, acabam por isolá-la, afastando-a da vida, permitindo contraditoriamente agressões à natureza. Sendo assim, é necessário um resgate à maneira sensível e integrada de compreender paisagem, quando a enxergamos como patrimônio comum vinculado à nossa existência.

O título da concertina parte dessa problemática posta por Berque e desdobra a compreensão do **pensar paisagem** como a união do sentimento e do pensamento de paisagem na experiência sensível. A concertina se dirige, dessa maneira, à população em geral e aos jovens em específico – enquanto futuros homens públicos –, sugerindo a consciência de paisagem como uma construção e intenção que integra o sentir e o pensar.

O objetivo do presente artigo é apresentar o livro-concertina e discutir sua função enquanto ferramenta de educação patrimonial. Para tal, aborda-se primeiramente o referencial teórico que embasou a concepção da concertina revelando aspectos da forma e conteúdo a partir da reflexão sobre o pensamento e o sentimento de paisagem. Em seguida, discute a paisagem enquanto bem comum, destacando o comprometimento e a responsabilidade como ações imprescindíveis para a sua salvaguarda, concluindo-se que o aspecto lúdico e criativo da concertina estimula a sensibilidade para o valor paisagístico.

2. PAISAGEM COMO *CONTINUUM*

A noção de paisagem tem ganhado vulto nas últimas décadas, tanto nas discussões acadêmicas, em diversas áreas do conhecimento, quanto nos documentos de salvaguarda do patrimônio cultural nas esferas locais, nacionais e internacionais. Esse crescente interesse no tema, com forte inserção nas discussões mais recentes sobre conservação do patrimônio cultural – com a categoria da paisagem cultural e a abordagem da paisagem urbana histórica, por exem-

plo –, aponta a necessidade de abordar a consciência de paisagem como parte de uma compreensão de mundo que valorize o bem comum. Nessa abordagem, o tema da paisagem é associado a um *continuum*, ou seja, é parte da dimensão da experiência da vida cotidiana de todas as pessoas.

O formato em concertina, cujas dobras se articulam à semelhança de um acordeom, acomoda o conteúdo do livro em dois lados, e como em uma fita de *Moebius*, não é possível discernir entre um lado de dentro, um lado de fora e pontos específicos de início e fim (Figura 1). Nesse sentido, o *continuum* da experiência de paisagem é metaforizado no formato do livro e na experiência de leitura. Para sistematização das abordagens, convencionou-se chamar um lado da concertina de “anverso”, em cujas dobras se distribuem temas que despertam o sentimento de paisagem, e o outro lado de “averso”, no qual se desdobram temas que exploram o pensamento de paisagem.

Na experiência da paisagem, sentimento e pensamento são indissociáveis na medida em que constituem o sujeito na sua estrutura de apreensão do mundo como fenômeno. Em uma perspectiva kantiana, parte-se da compreensão de um sujeito ativo na constituição da experiência, ou seja, da compreensão de que, na relação do sujeito com o mundo, a experiência é uma construção subjetiva ou uma interpretação da realidade elaborada pelo sujeito (CARVALHO, 2013). Comparando o mundo experienciado a um texto e a experiência do sujeito a sua interpretação, em uma analogia proposta por Torres Filho (1987):

Temos diante de nós um texto para ler, um texto que se propõe à leitura. Esse texto se chama ‘mundo ocidental’, ‘capitalismo’, ‘sociedade burguesa’, ou simplesmente ‘mundo’, aquilo que está aí (...) Esse texto é cifrado. Esse texto está entrelaçado de interpretações (‘leituras’), que se integram ao texto, atuam sobre o texto, recebem a ação do texto, são também texto e contexto (CARVALHO, 2013 apud TORRES FILHO, 1987, p. 27).

Considerando essa analogia, na concertina, as dobras do pensamento e do sentimento de paisagem unem-se na constituição de



Figura 1: Livro-concertina Pensar Paisagem.
Foto: Mirela Duarte, 2021.

um texto que será sempre a interpretação de um sujeito, esse, por sua vez, dotado das capacidades de pensar e sentir na experiência sensível que ocorre no *continuum* da vida cotidiana. A ideia de *continuum* está, para além do formato em concertina, em elementos centrais que conduzem a narrativa do livro: na passagem do tempo no ciclo do dia e da noite e nas ações correspondentes de despertar – dormir – sonhar – despertar.

Esses elementos guiam o leitor na vivência do dia, apresentando uma experiência de paisagem por meio da ideia de deslocamento do corpo relacionada ao **sentir paisagem**, enquanto a noite traz os sonhos descortinando uma outra experiência com os desdobra-

mentos da mente que se relaciona à ação do **pensar a paisagem**. Além desses elementos, para atravessar as dobras da concertina, a narrativa se vale de três dispositivos: caminhada, portas e sonhos, que comunicam o deslocamento do corpo e os desdobramentos da mente na experiência de paisagem.

2.1. PENSAR A PAISAGEM

O lado avesso da concertina é construído a partir da ideia central da experiência onírica, ou seja, os textos se desenvolvem como sonhos lúcidos e conscientes experienciados ao longo de uma noite. Na narrativa, entende-se o sonho como um tipo de experiência que

atravessa a vida humana no momento do repouso do corpo, e tal compreensão reivindica a ideia de sonho também como “instituição que admite sonhadores” e que “prepara as pessoas para se relacionarem com o cotidiano” uma vez que “trazemos para a vigília histórias desse outro mundo” (KRENAK, 2020, p. 34).

Assim, por meio dos sonhos, esse lado da concertina se coloca como um convite ao pensamento de paisagem a partir de uma costura conceitual com as noções de natureza, jardim, território, arte e patrimônio. Os temas destacados são recorrentes entre teóricos ao se pensar a paisagem, prestando-se à sua investigação racional na qual atua o pensamento para além do sentimento.

Berque (2009) se refere à subida de Petrarca ao Monte Ventoux e seu posterior relato em um texto do século XIV como uma das primeiras demonstrações da existência de um pensamento de paisagem, ou seja, da paisagem tida como objeto de reflexão. Para o autor, esse registro é a manifestação de uma consciência de paisagem em estado nascente no ocidente, que se materializou mais fortemente no período do Renascimento, nas pinturas de paisagem tanto na Itália como nos Países Baixos, segundo Roger (1999).

Mesmo que a noção de paisagem esteja bastante relacionada ao tema da arte no ocidente, sua compreensão enquanto categoria do pensamento vem do exercício que requer palavras mais que imagens. Para Berque (2009), a existência de uma noção de paisagem não significa necessariamente a existência de um pensamento de paisagem, pois esse se constitui quando a experiência da paisagem convida a razão e as palavras para sua descrição ou estudo. Segundo o autor, “é certo que se pode sentir as coisas por meios distintos das palavras, mas para pensá-las verdadeiramente necessita-se das palavras” (BERQUE, 2009, p. 20, tradução nossa)³.

Portanto, é a palavra que eleva a paisagem à categoria de pensamento para a filosofia e de objeto de investigação científica. Nesse sentido, é possível afirmar que o ato de pensar a paisagem no ocidente avança para o início do século XX com os textos seminais

³ Do original: [...] “*Es cierto que se pueden sentir las cosas con medios distintos a las palabras, pero para pensarlas verdaderamente se necesitan las palabras.* [...]”

de Georg Simmel⁴ em 1913 e Carl Ortwin Sauer⁵ em 1925. A partir desses textos, os limites dos estudos de paisagem se expandiram ao longo do século XX e continuam em expansão.

Inicialmente, o pensamento de paisagem ganhou consistência científica no campo da geografia, abrindo-se espaço para contribuições de outros campos do conhecimento a partir dos anos 1970 quando a teoria da paisagem se tornou “o lugar de uma interdisciplinaridade vivaz e fecunda” segundo Roger (1995, p. 6, tradução nossa)⁶. A ampliação de campos de conhecimento para pensar a paisagem constitui hoje o que Besse (2014) define como complexidade e polifonia, problemática paisagística contemporânea abordada no campo da filosofia. Destaca-se que essa problemática reside no fato de que, atualmente, a realidade indicada com a palavra paisagem varia entre campos do conhecimento, e ainda que sejam compreensões complementares⁷, em geral dão conta da relação entre os seres humanos e a Terra a partir de perspectivas distintas.

Na concertina, os temas se apresentam a cada dobra, mobilizando referências intelectuais variadas a partir de uma linguagem literária capaz de aproximar o universo teórico-conceitual do público geral. Os textos demonstram como nossa noção de paisagem resulta da relação com os lugares de nossas vivências enquanto indivíduo e enquanto sociedade, ou seja, da relação com a natureza, o território, o jardim, enfatizando o papel da arte na mediação dessa relação e reforçando a importância de se reconhecer essa realidade paisagística como bem comum, como nosso patrimônio, herança dos nossos ancestrais (Figura 2).

Desdobrar a concertina é, também, acessar o conhecimento. Nesse lado avesso, a cada dobra atravessa-se sonhos por meio de portas por onde “a vida se expande além dos limites do ser-para-si isolado,

⁴ Intitulado A filosofia da paisagem [*Philosophie der Landschaft*].

⁵ Intitulado A morfologia da paisagem [*The Morphology of Landscape*].

⁶ Do original: [...] “*le lieu d’une interdisciplinarité vivace et féconde* [...]”

⁷ Besse (2014) sistematiza a compreensão atual em “cinco portas da paisagem”, ou cinco possibilidades de compreensão do tema da paisagem a partir das contribuições de diversas áreas do conhecimento científico, que auxiliaram na definição dos temas das dobras da concertina.

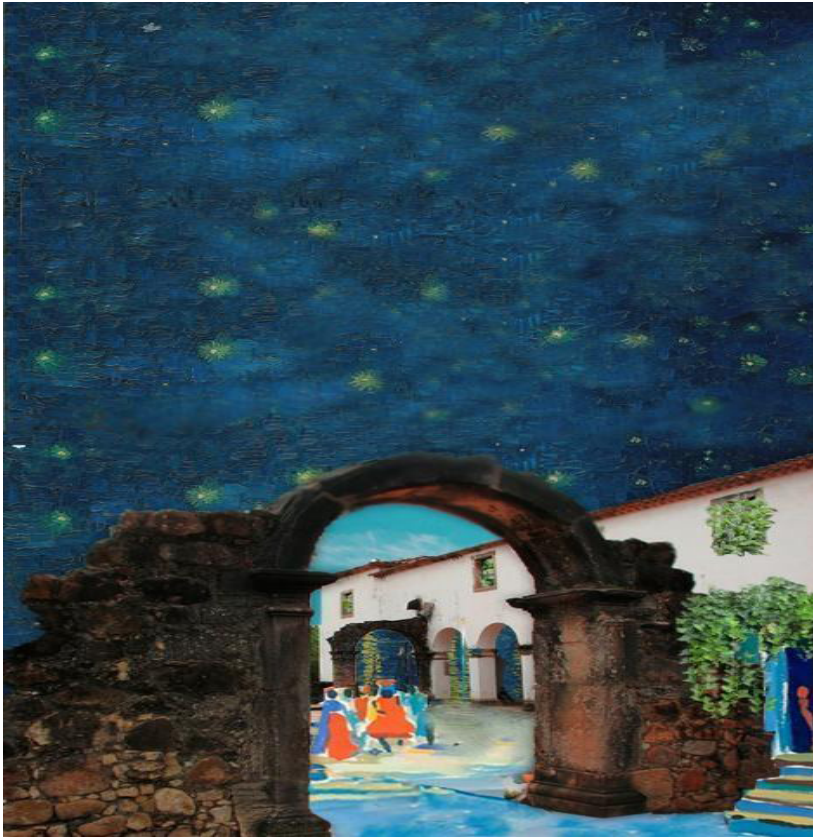


Figura 2: Fotomontagem que ilustra o texto da dobra 'paisagem patrimônio' no lado avesso do livro-concertina Pensar Paisagem. Autor: Wilson de Barros, 2019.

até a ilimitação de todas as orientações" (SIMMEL, 1996, p. 12), que se pode interpretar como a ilimitação do conhecimento. Assim, ao longo de uma noite, o sujeito leitor expande seu ser, até despertar para viver o dia e sentir paisagem no lado averso.

2.2. SENTIR PAISAGEM

Em uma proposta de despertar para a paisagem, o lado averso da concertina se constrói baseado na experiência fenomenológica. Compreendendo que o pensar paisagem ou o pensamento paisageiro é, antes de tudo, um modo de viver e se relacionar com o meio (BERQUE, 2009), os textos que seguem são um convite ao sentimento de paisagem que brota dessa relação, e se desdobram no decorrer de um dia a partir de momentos comuns nos quais é possível exercitar

o **sentir paisagem**. O despertar de um dia pode ser o despertar para a paisagem e, assim, o **cotidiano**, o **caminho**, o **espaço público**, o **tempo** e o **espírito de lugar** são os temas que guiam esse percurso do dia até a pausa, representada pela ideia de paisagem-entre que convida ao sonho, ao lado averso da concertina.

Ao tratar da paisagem enquanto experiência fenomenológica, Besse (2014, p. 45) discorre que, antes de qualquer representação ou definição simbólica que se possa fazer sobre ela, a paisagem é primordialmente "uma abertura às qualidades sensíveis do mundo". Para Berque (2009, 2010), se permitir estar aberto a sentir as qualidades sensíveis do mundo é o cerne da contradição presente na sociedade ocidental pois, apesar de a paisagem ser objeto de estudo e exaltação artística, o pensamento ocidental é derivado de um

paradigma que isola o sujeito e o mundo em instâncias separadas e neutras. Para o autor, essa visão reduz as questões do sentimento à mera subjetividade em oposição ao mundo real e objetivo.

Entendendo que essa oposição se realiza apenas no mundo exclusivo das ideias, Berque (2010) demonstra como o território está carregado de sentido, na mesma medida em que o ser também constrói sua identidade a partir da relação com os territórios que permeiam sua vida. O encontro do *topos* – localização física do corpo – e da *chôra* – campo existencial de um ser – é o momento dinâmico que o autor define como *médiance*, o lugar da paisagem (BERQUE, 2010). A paisagem seria, ao mesmo tempo, expressão e resultado da experiência dessa territorialidade humana.

Essa ideia colocada por Berque (2010), em uma abordagem fenomenológica da experiência de paisagem, possibilita a construção de um pensamento de paisagem – constructo substancial do mundo ocidental – associado ao sentimento de paisagem. Embora pareça uma

tarefa simples, sentir paisagem é, nos tempos atuais, um grande desafio que coloca o ser na contramão da demanda de um mundo inscrito a partir do mecanismo do mercado capitalista. A experiência sensível de paisagem, por si só, parece não ter razão de ser.

Entretanto, reforçando o papel da experiência sensível, Collot (2013, p. 23) afirma que “o sentido de uma paisagem não resulta de uma análise intelectual dos elementos que a compõem, mas de uma apreensão sintética das relações que os unem”, o que requer valorizar a experiência do corpo mediada pelos sentidos para tal apreensão. Besse (2014, p.48) refere-se ao caminhar como exemplo fundamental dessa experiência e, em particular, ao cansaço da caminhada, com sua capacidade de cessar todo o pensamento que está além para fixar o ser no momento, permitindo uma “porosidade em relação ao mundo que lhe restitui a capacidade de ser afetado pelos dados sensíveis do mundo”. Não por acaso, o caminhar compõe um dos exercícios propostos pela concertina no processo de despertar para o sentimento de paisagem (Figura 3).



Figura 3: Fotomontagem que ilustra o texto da dobra ‘paisagem caminho’, um convite ao caminhar no lado anverso do livro-concertina Pensar Paisagem. Autora: Mirela Duarte, 2019.

A experiência sensível de paisagem tem a capacidade de moldar a maneira de vivenciar os lugares que habitamos, possibilitando um grau de comprometimento com o patrimônio e mais atenção aos processos humanos. No lado anverso da concertina, a cada dobra descobre-se que uma paisagem que reverbera no ser passa a constituir um modo particular de ser no mundo, preenchendo o corpo poroso com matéria-prima estética e ressoando nos sonhos com visões de futuros melhores para se viver.

3. O CONTINUUM DA PAISAGEM COMO BEM COMUM

A concertina mostra como experienciamos o mundo de maneira sensível e inteligível, sugerindo ao leitor ressignificar vivências e reconhecer o valor paisagístico dos lugares que habita. Assim, faz refletir sobre paisagem como bem comum a ser conservado para as gerações futuras. É possível tratar de paisagem como bem comum ao abordá-la na perspectiva do patrimônio cultural, o que pode nos levar a pensar nos bens excepcionais da humanidade e nas organizações mundiais que tentam protegê-los. Entretanto, a concertina desenvolve a reflexão a partir de outro viés.

Na visão de Ailton Krenak (2019), considerar a humanidade a partir de um ponto de vista universal e homogêneo pode contribuir para ‘descolar’ os humanos da Terra, negando a diversidade que os fazem seres plurais. Afinal, ao habitar o mundo, os povos constroem sua existência ligada ao solo, desenvolvendo hábitos, rituais e linguagens particulares que os diferenciam dos que vivem em outros territórios. Tendo como base essa reflexão que parte da escala local, uma discussão sobre paisagem enquanto patrimônio requer reconhecer os vínculos entre a identidade e os territórios vividos por seus povos desde seus antepassados. Não por acaso, os temas nos extremos da concertina são **cotidiano** e **patrimônio**.

Em uma abordagem mais recente, a teoria da conservação do patrimônio cultural “vem passando por um processo de ampliação do seu escopo e de amadurecimento, que pressupõe a superação de valores absolutos, estando profundamente vinculada à relação estabelecida entre o sujeito (homem, comunidade) e o objeto (bem cultural)” (LIRA, 2018, p. 274, grifo nosso). Portanto, nessa

relação, são os sujeitos que atribuem os significados que valoram os bens e, por isso, compreender como se estabelece essa relação é indispensável, especialmente ao abordamos o bem como paisagem em sua dimensão híbrida – material-imaterial – e o sujeito em sua estrutura de apreensão do mundo – corpo – na qual atua pensamento e sentimento.

Berque (2010) utiliza o termo *médiance* para tratar do momento estrutural da existência humana, quando o corpo individual se une ao corpo medial, ou seja, o momento em que a identidade se constrói pela relação do ser com o meio e com o outro. O autor recorre a um relato pessoal para desenvolver sua argumentação e fala sobre a viagem de retorno ao Seksawa no Marrocos, onde havia vivido sua infância com a família. Berque (2010, p. 14) diz: “nessas montanhas, *meu pai tornou-se paisagem*” para revelar que sente a presença do pai na topografia, na estrada e no carvalho que fizeram parte de suas experiências cotidianas. Ao fazer esse relato, o geógrafo coloca que as relações que as pessoas firmam com os lugares não podem ser consideradas apenas como lembranças ou fantasias subjetivas, mas que devem ser compreendidas como constituintes da realidade dos territórios humanos.

Embora, nos tempos atuais, a visão de mundo moldada pelo liberalismo de mercado preconize que vivemos em um mundo globalizado, neutro e objetivo, que permite a circulação de uma humanidade homogênea e universal, sabemos que os territórios não são neutros e que os povos são plurais. A realidade do mundo sensível está impregnada dos laços materiais e imateriais que conectam as pessoas aos lugares e, por isso mesmo, a identidade de um povo se confunde com a maneira como ele se relaciona com o lugar e com as técnicas e símbolos que desenvolve. Esse conjunto de aspectos deixa marcas ao longo do tempo, que reverberam no espírito do lugar que carrega a essência da vida social e espiritual. Berque (2010, p. 13) acrescenta que:

“[...] estas relações de lugar ou territorialidade ultrapassam o indivíduo, integrando-o a um mundo comum, quer dizer, a um *kosmos*, onde o mundo interior de cada pessoa está em continuidade, não apenas com o das outras pessoas,

mas com o meio. Assim o microcosmo individual integra-se ao macrocosmo geral, em uma correspondência concreta entre o exterior e o interior, os pensamentos e as coisas”.

Compreende-se que, longe de ser um processo individual e subjetivo, as relações com os lugares são compartilhadas coletivamente e sustentam a existência de uma comunidade. Podemos tomar como exemplo a aldeia Krenak que habita o estado de Minas Gerais no Brasil, às margens do rio Doce. Segundo Ailton Krenak (2019, p. 21), o rio é considerado como avô (Watu) do seu povo, é um ente e não um recurso, “não é algo de que alguém possa se apropriar; é uma parte da nossa construção como coletivo que habita um lugar específico”. Atualmente, o rio-avô está coberto por material tóxico desde que um crime socioambiental⁸ os deixou “órfãos e acompanhando um rio em coma” (KRENAK, 2019, p. 22). A perda desse ser significa uma quebra de sentido no cosmos da aldeia, uma ausência irreparável, que revela como a negligência e a omissão na compreensão do valor dos territórios para seus habitantes ameaçam a conservação da paisagem como patrimônio.

Para classificar uma paisagem como patrimônio de um determinado grupo humano, é preciso, antes, “lhe conferir valores, portanto, apontar seus significados para aquele grupo” (SILVA et al., 2007, p. 307). Esses valores são tanto o foco da preservação – ou seja, proteger a paisagem significa proteger os valores – quanto um indicativo de que se reconhece a paisagem como bem comum, cuja abordagem mobiliza uma visão política da paisagem. Segundo Besse (2018, p. 5, tradução nossa)⁹:

“[...] paisagens são recursos comuns e, por atenderem às necessidades humanas, sociais e psicológicas, mas tam-

⁸ Em 2015, a barragem de Fundão rompeu no Distrito de Bento Rodrigues em Minas Gerais, poluindo o rio Doce com rejeitos de minério de ferro da empresa Samarco, causando impactos desastrosos com a morte de pessoas e animais, a destruição de edificações e da natureza e a eliminação da fonte de sustento de inúmeras famílias.

⁹ Do original: [...] *“les paysages sont des ressources communes, et parce qu’ils répondent à des besoins humains généraux, sociaux et psychologiques, mais aussi politiques, que les paysages peuvent être considérés non seulement comme des biens communs, comme des ressources communes pour les êtres humains, mais aussi comme des lieux et des conditions de la fabrications du commun, voire comme des enjeux pour le commoning [...]”*.

bém políticas, essas paisagens podem ser consideradas não apenas como bens comuns, recursos comuns para os seres humanos, mas também como os lugares e as condições para a construção do comum, e até mesmo como desafio para o *commoning*”.

Embora para os Krenak o rio Doce não possa ser considerado recurso, para as empresas mineradoras que atuam na região o rio é um recurso financeiro, uma paisagem de valor econômico acima de tudo. Esse caso específico traz à tona a reflexão sobre os diferentes valores que uma mesma paisagem mobiliza a depender do grupo de indivíduos que dela se apropria. Considerando a paisagem enquanto bem comum, fica o questionamento: que valor deve prevalecer como foco das ações de conservação? A resposta parece estar relacionada aos interesses da comunidade habitante, intensamente afetada pela gestão do bem comum da qual dependem sua vivência cotidiana e sua identidade.

Tendo em vista essas questões, a reflexão da concertina pretende contribuir com a dissolução da ilusão de um mundo neutro e objetivo a partir do reconhecimento das relações de pertencimento que enlaçam as pessoas às paisagens. Considerando-as como bem comum, é necessário assumir o compromisso ético de protegê-las. A perpetuação das conexões que guardamos com os lugares depende da conservação da sua materialidade e imaterialidade e da possibilidade de ressignificar seu valor a partir de novas experiências sensíveis, o que depende da maneira como pensamos, sentimos e agimos no mundo.

O estado atual do planeta evidencia o distanciamento e o descaso por meio da degradação da vida selvagem, da flora e fauna e até mesmo da atmosfera, dadas as mudanças climáticas. Parece urgente se desvencilhar do paradigma da dualidade moderna para compreender que a realidade do território humano é feita de pessoas que se tornam paisagem, como o pai-montanha de Berque, e paisagens que são entes, como o rio-avô dos Krenak.

Como propõe a concertina, se se deseja desdobrar a noção de paisagem há que se abrir portas de travessia entre aquilo que conhe-

ceмос como subjetivo e objetivo, sujeito e objeto, pensar e sentir, natureza e cultura. O aspecto metafísico da paisagem que incorpora os sentimentos, os sonhos e o imaginário também é reflexo da realidade material experienciada pelos sentidos, e vice-versa. Na compreensão de Berjman (2008), a própria noção de patrimônio integra o natural e o cultural como um todo, entendimento que ainda apresenta desafios à elaboração das políticas dos órgãos mundiais de salvaguarda.

A esse respeito, a Carta da Paisagem das Américas (2018) se destaca como documento que não só aponta a natureza e a cultura como aspectos interdependentes da paisagem, como enfatiza a cosmovisão como um estrato capaz de despertar uma visão patrimonial por meio da reflexão sobre os vínculos espirituais e de subsistência com a Terra. No documento, a cosmovisão é considerada como um modo de ver a vida “que continua a ser expressa na contemporaneidade da paisagem americana, reverberando-se nas tradições, costumes e arte, onde a consciência sensível não se apoia em conceitos, mas em experiências” (CARTA DA PAISAGEM DAS AMÉRICAS, 2018, p. 6). A carta é resultado de uma reflexão de contornos continentais, porém renuncia a homogeneização ao reconhecer a diversidade do território e da cultura como traço da “americanidade”.

Considerando a complexidade inerente à compreensão da paisagem como patrimônio, a concertina nos faz indagar: o que deve ser preservado se toda paisagem está de alguma forma ligada à vida das pessoas? Conforme Berjman (2008), devemos conservar paisagens significativas para nosso desenvolvimento enquanto comunidade. Partindo da escala local, há muito o que se preservar, a começar pela qualidade do ar, das águas dos rios e mares, a fauna e a flora, considerando também os bens imóveis que revelam a identidade coletiva dos habitantes, como sítios e jardins constantemente ameaçados por uma visão de “novo” e de “progresso” que apagam essa identidade. Na escala global, a reflexão se dirige principalmente para as paisagens que são testemunhos da vida de um povo, sejam as florestas sul-americanas com seus habitantes nativos, sejam plantações de café ou arroz que resguardam saberes milenares de cultivo sustentável no ocidente e no oriente, entre ou-

tras formas de vida em que a relação entre as comunidades e os lugares, na experiência cotidiana, constrói paisagens conservando-as.

A conservação da paisagem como bem comum depende não só do reconhecimento de seu valor pela população e sua proteção, mas também do desejo de manter o bem e de ações que efetivamente o coloquem em prática. Como coloca Berleant (2013), a atenção à natureza que nos envolve e está dentro de nós não poderá surgir de uma atitude desinteressada ou indiferente frente ao mundo. Para Berjman (2008), a indiferença deve ser substituída pelo compromisso e pela participação, que são sinônimos do sentido de comunidade.

Segundo Berleant (2013), a vida nos mostra que já não é possível agir de maneira irresponsável no mundo, como se o futuro não tivesse relação com as ações e reflexões cotidianas. A ética ambiental é condição primordial para a existência de um futuro para os seres humanos e para a Terra. Sendo assim, Berleant (2013) coloca que é possível experienciar o mundo a partir da estética do comprometimento, na qual a ampliação da acuidade sensorial por um estado de imersão seria capaz de fazer sentir a unidade entre ser humano e natureza com respeito e humildade. Ser participante do mundo, em um sentido ético, é a mensagem desdobrada em concertina para a consciência de paisagem tão almejada.

4. A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NA CONSERVAÇÃO DA PAISAGEM COMO BEM COMUM

O senso de compromisso e participação se aprende e deve ser estimulado. Para tanto, contribuem as ações de educação patrimonial, especialmente aquelas que estimulam o envolvimento direto das comunidades com as especificidades dos lugares que habitam e que despertam nas novas gerações o sentimento e o pensamento de paisagem, ou seja, consciência de paisagem. Tal consciência se constrói na experiência sensível exercitada no cotidiano e se torna a base de uma cidadania paisagística. Essa engendra o comprometimento coletivo com as paisagens, a capacidade de reivindicar melhorias infraestruturais que não resultem em perda de valores paisagísticos e o compromisso de lutar constantemente pela per-

petuação desses valores para as gerações futuras.

Ao promover uma política de proteção à paisagem, a Convenção Europeia da Paisagem (2000) trata, em seu Artigo 6º, sobre a necessidade de sensibilização para o valor da paisagem e de formação e educação da sociedade nesse sentido. Uma resposta a essa necessidade é a cartilha intitulada *We are the landscape* (DI MAIO; BERENGO, 2008) que, de forma didática, aborda a paisagem, sua importância e a necessidade de proteção, extrapolando o sentido de preservação de paisagens excepcionais e alertando as pessoas também para os valores das paisagens do cotidiano que nem sempre são justificados por sua beleza e sim pela relação que os habitantes estabelecem:

Vamos pensar em como é fascinante uma vila de pescadores, com suas casas típicas, seus barcos ancorados, os moradores com suas lojas e seu modo de vida. No entanto, há muito mais por trás do que vemos. As redes e os barcos de pesca também representam uma fonte de sustento; da mesma forma que a propagação de grãos ou girassóis que embelezam os campos permitem o sustento dos cultivadores (DI MAIO; BERENGO, 2008, p. 19, tradução nossa)¹⁰.

A concertina reforça essa abordagem a partir da base teórico-conceitual e dos artifícios gráficos adotados, aportando também um sentido lúdico da educação patrimonial. Rubem Alves (1986) explica que a cultura e a humanização do mundo são filhas da imaginação. Significa dizer que a lógica da imaginação se opõe à lógica objetivada do mundo, pois com ela há sempre um estímulo à criatividade com suas intenções mágica, lúdica e utópica tão necessárias para se formular soluções aos problemas humanos. E o que é a conservação da paisagem como bem comum se não uma tentativa de resposta a alguns problemas humanos?

¹⁰ Do original: [...] *“Let’s think of how we are fascinated by a fishing village, with its typical houses, anchored boats, the locals with their shops and their way of life. Behind what we see however, lies a whole lot more. The nets and the fishing boats also represent a source of livelihood; in the same way as the spread of grain or sunflowers that embellish the countryside enable their cultivators to earn a living [...]”*

Neste sentido, é necessário encorajar a construção de uma consciência de paisagem que leve em consideração a imaginação na resolução de problemas para a construção de um futuro. Ailton Krenak (2019, p. 31-32) provoca uma importante reflexão ao dizer que, em diferentes lugares do mundo e em diferentes escalas, estamos sempre convivendo com problemas, conflitos, momentos de crise, que ele chama de “queda”, e que nem sempre conseguimos superar essa condição. Para isso, sugere que “então, talvez o que a gente tenha de fazer é descobrir um paraquedas. Não eliminar a queda, mas inventar e fabricar milhares de paraquedas coloridos, divertidos, inclusive prazerosos”, a fim de viver a vida com felicidade. E continua: “De que lugar se projetam os paraquedas? Do lugar onde são possíveis as visões e o sonho. Um outro lugar que a gente pode habitar além dessa terra dura: o lugar do sonho”, do pensamento livre e criativo, para encontrar respostas criativas aos problemas próprios da nossa condição humana.

A Carta da Paisagem das Américas (2018, p. 7) afirma que “A condição de futuro está associada ao respeito à natureza, à cultura, aos valores estabelecidos, às singularidades da diversidade e ao direito à paisagem como um bem comum e patrimônio coletivo, que também incorpora, o direito à felicidade para todos”. Portanto, reforçamos a importância de entender o processo de educação patrimonial, que é também de educação para a paisagem como propõe a concertina, como um processo de construção de um futuro que seja orientado para uma ética e para uma vida feliz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. *A gestão do futuro*. Campinas: Papirus, 1986.
- BERQUE, Augustin. *El pensamiento paisajero*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 2009.
- BERQUE, Augustin. Território e pessoa: a identidade humana. *Desigualdades & Diversidade*. Revista de Ciências Sociais da PUCRio, Rio de Janeiro: Editora PUC, n.6, p. 11-23, 2010. Disponível em: <http://desigualdadediversidade.soc.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?inford=92&sid=14> Acesso em: 26 jan. 2021.
- BERJMAN, Sonia. El paisaje y el patrimonio. In: SEMINARIO INTERNACIONAL LOS JARDINES HISTÓRICOS: APROXIMACIÓN MULTIDISCIPLINARIA. 2001. Buenos Aires. *Anais...* Buenos Aires, ICOMOS, 2001. p. 1-11. Disponível em https://www.icomos.org/publications/jardines_historicos_buenos_aires_2001/conferencia1.pdf. Acesso em: 24 fev. 2021

BERJMAN, Sonia. El Paisaje y el Jardín como elementos patrimoniales. Una visión argentina. In: TERRA, Carlos Gonçalves; ANDRADE, Rubens de. (Org.). **Paisagens culturais: contrastes sul-americanos**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes, p. 143-157, 2008.

BERLEANT, Arnold. A estética da arte e a natureza. In: SERRÃO, Adriana (Coord.). **Filosofia da paisagem**. Uma antologia. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, p. 282-298, 2013.

BESSE, Jean-Marc. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

BESSE, Jean-Marc. Paysages en commun. **Les carnets du paysage**. Arles: Actes Sud/ENSP, n.33, p. 5-33, 2018.

CARTA DA PAISAGEM DAS AMÉRICAS. Tradução de Lúcia Maria de Siqueira Cavalcanti Veras. Cidade do México, IFLA AR, UAM-Azcapotzalco, 2018. Disponível em: http://www.abap.org.br/abap/wp-content/uploads/2019/10/Carta-da-Paisagem-das-Américas_VERSÃO_FINAL_PORTUGUÊS_150619.pdf. Acesso em: 24 fev. 2021.

CARVALHO, Marcelo. **Teoria e experiência**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

CONVENÇÃO EUROPEIA DA PAISAGEM. Decreto n. 4/2005. Florença, 20 out. 2000. Disponível em: <https://rm.coe.int/16802f3fb7>. Acesso em: 20 mar. 2021.

DI MAIO, Sara; BERENGO, Cecília. **We are the landscape: Understanding the European Landscape Convention**. Florença: Giunti Progetti Educativi, 2008.

FLORÊNCIO, Sônia Regina Rampim. "Educação Patrimonial: um processo de mediação". In: TOLENTINO, Átila Bezerra (Org.). **Educação Patrimonial: reflexões e práticas** (Caderno Temático 2). João Pessoa: Iphan-PB, 2012.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LIRA, Flaviana Barreto. Autêntico para quem? A noção de autenticidade do patrimônio cultural na contemporaneidade. **Revista Patrimônio e Memória**. São Paulo: UNESP, v. 14, n. 2, p. 272-298, 2018.

ROGER, Alain. (Org). **La théorie du paysage en France (1974-1994)**. Paris: Champs Vallon, 1995.

ROGER, Alain. La naissance du paysage en occident. In: SALGUEIRO, H. A. (dir.). **Paisagem e arte**. São Paulo: CBHA, CNPq, FAPESP, 1999.

SILVA, Aline de Figueirôa; BRAGA, Anna Caroline; GAMEIRO, Fabiana Gonçalves; LIRA, Flaviana Barreto; CARNEIRO, Ana Rita Sá; MELO, Vera Mayrinck. Os valores patrimoniais da paisagem cultural: uma abordagem para o processo de intervenção. **Paisagem e Ambiente**. São Paulo: FAUUSP, n. 24, p. 297-308, 2007. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i24p297-308>

SIMMEL, Georg. A ponte e a porta. **Política e Trabalho**. Revista de Sociologia da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa: PPGS-UFPB, n. 12, p. 10-14, 1996. Disponível: <http://www.oocities.org/collegepark/library/8429/index12.html>. Acesso em: 19 mar. 2021.

TORRES FILHO, Rubens Rodrigues. **Ensaio de filosofia ilustrada**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

Mirela Carina Rêgo Duarte

Universidade Federal de Pernambuco. Departamento de Arquitetura e Urbanismo.

Av. da Arquitetura, s/n, Cidade Universitária, 50740-550, Recife, Pernambuco, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-5718-300X>

mirela.duarte@ufpe.br

Luisa Acioli dos Santos

Centro Universitário Maurício de Nassau - Unidade Trianon.

Av. Guararapes, 283, Santo Antônio, 50010-000, Recife, Pernambuco, Brasil.

<https://orcid.org/0000-0002-4793-7621>.

acioli.luisa@gmail.com

Lahys Katarina de Barros Alves

Universidade Federal de Pernambuco. Departamento de Arquitetura e Urbanismo.

Av. da Arquitetura, s/n, Cidade Universitária, Recife - PE, 50740-550;

<https://orcid.org/0000-0002-6391-6388>

lahysalves@gmail.com

Wilson de Barros Feitosa Júnior

Universidade Federal de Pernambuco. Departamento de Arquitetura e Urbanismo.

Av. da Arquitetura, s/n, Cidade Universitária, Recife - PE, 50740-550

<https://orcid.org/0000-0001-9992-3566>.

wilsonbarrosf@gmail.com

Nota do Editor:

Data de submissão: 21/03/2021

Aceite: 22/05/2021

Revisão: